A SOCIEDADE EM QUE VIVEMOS

I. A SOCIEDADE DIVIDIDA EM CLASSES

II. A SOCIEDADE DAS MERCADORIAS

III. AS PARTICULARIDADES DA ECONOMIA CAPITALISTA E O AUMENTO DA EXPLORAÇÃO

IV. AS LEIS DE EVOLUÇÃO DO CAPITALISMO

V. AS CRISES DE SUPERPRODUÇÃO

CADERNOS DE FORMAÇÃO Nº 1
13 DE MAIO - NEP

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO I - A SOCIEDADE DIVIDIDA EM CLASSES

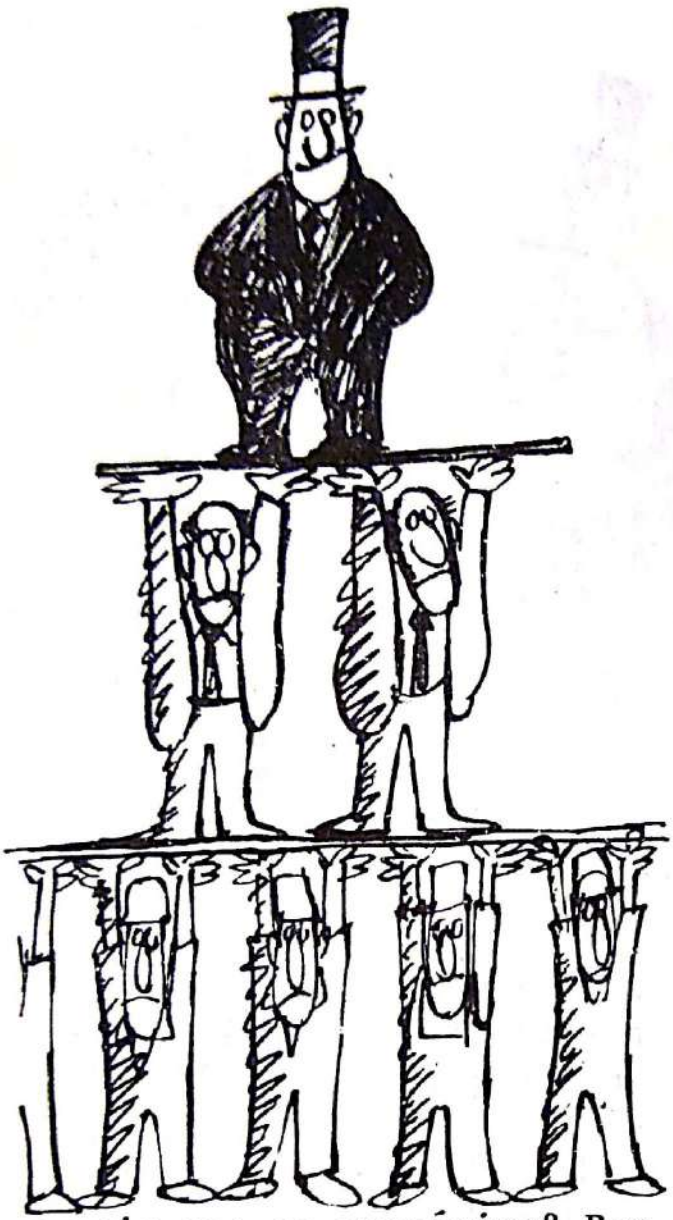
1. DESIGUALDADES SOCIAIS

A Bíblia ensina que depois do pecado de Adão, o homem foi obrigado a ganhar a vida com o suor do próprio rosto. Só não explica como alguns homens escaparam dessa maldição. Nem explica porque as vidas dos homens são tão diferentes entre si.

Não é preciso pensar muito para dizer que a sociedade em que vivemos é um mundo de desigualdade. Quem entra em São Bernardo do Campo, no coração do capitalismo brasileiro, vê de um lado o gigante Volkswagen e os belos edifícios que a força da grana ergueu para enfeitar a cidade do automóvel. Mas, do outro lado, vê as favelas e a pobreza dos bairros operários. E quem entra nas fábricas vê o refeitório dos chefes e o bandejão dos peões. Os capitalistas choram porque seus lucros neste ano deram um bilhão a menos que no ano passado! Mas os operários reclamam que com o salário deste ano se compram vários quilos de carne a menos que no ano passado.

Essa desigualdade diante da vida é também uma desigualdade diante da morte. Que tratamento têm os capitalistas e os parasitas desta sociedade, para viverem vários anos

Digitalizado com CamScanner



a mais que os operários? Por que os trabalhadores estão condenados a morrer mais cedo?

Alimentar-se mal, morar mal, pendurar-se nos trens e nos ônibus lotados, comer o pão que o diabo amassou e o Delfin Neto aumentou. Nessas condições, a morte nunca perde a hora e geralmente chega adiantada.

Nos últimos anos, com a desvalorização do salário e com o desemprego, a mortalidade infantil, as doenças, os acidentes, a loucura e as epidemias aumentaram enormemente.

Desigualdade de classe

Mas nem todas as diferenças sociais são diferenças de classe. Um operário qualificado ganha mais que um peão. Só que continua sendo um operário: se parar de trabalhar não tem do que sobreviver. Esse sistema de vida, o sistema de trabalho assalariado, divide nossa sociedade em duas classes principais: os patrões, também chamados de a BURGUESIA, que contratam a mão de obra, e os trabalhadores (ou proletariado), que têm que alugar seus braços e sua cabeça para o uso e abuso dos patrões.

Mas, afinal, não pode um operário se tornar capitalista, industrial ou comerciante?

Vamos dar uma olhada no balanço que as empresas publicam nos seus jornais. Em 1982 para montar por exemplo uma fabriqueta metalúrgica de 100 operários, era necessário no mínimo um capital inicial de Cr$ 240 milhões. Um operário muito bem qualificado, ganhando perto de Cr$ 200 mil cruzeiros por mês, para juntar isso tudo teria que trabalhar 100 anos, sem gastar um tostão, quer dizer, sem

Digitalizado com CamScanner

comer, sem vestir, sem pagar aluguel e outros "luxos" mais.

Mas, e se o trabalhador ganhou na loteria, ou então arrumou dinheiro dum jeito qualquer num golpe de sorte?

Nesse caso, UM operário pode virar capitalista. E nesse caso, ele vai ter que contratar operários para ficar debaixo dele. Portanto, NÃO DESAPARECEU A DESIGUALDADE DE CLASSES. A SOCIEDADE CONTINUA DIVIDIDA EM DUAS CLASSES: a que contrata e a que é contratada.

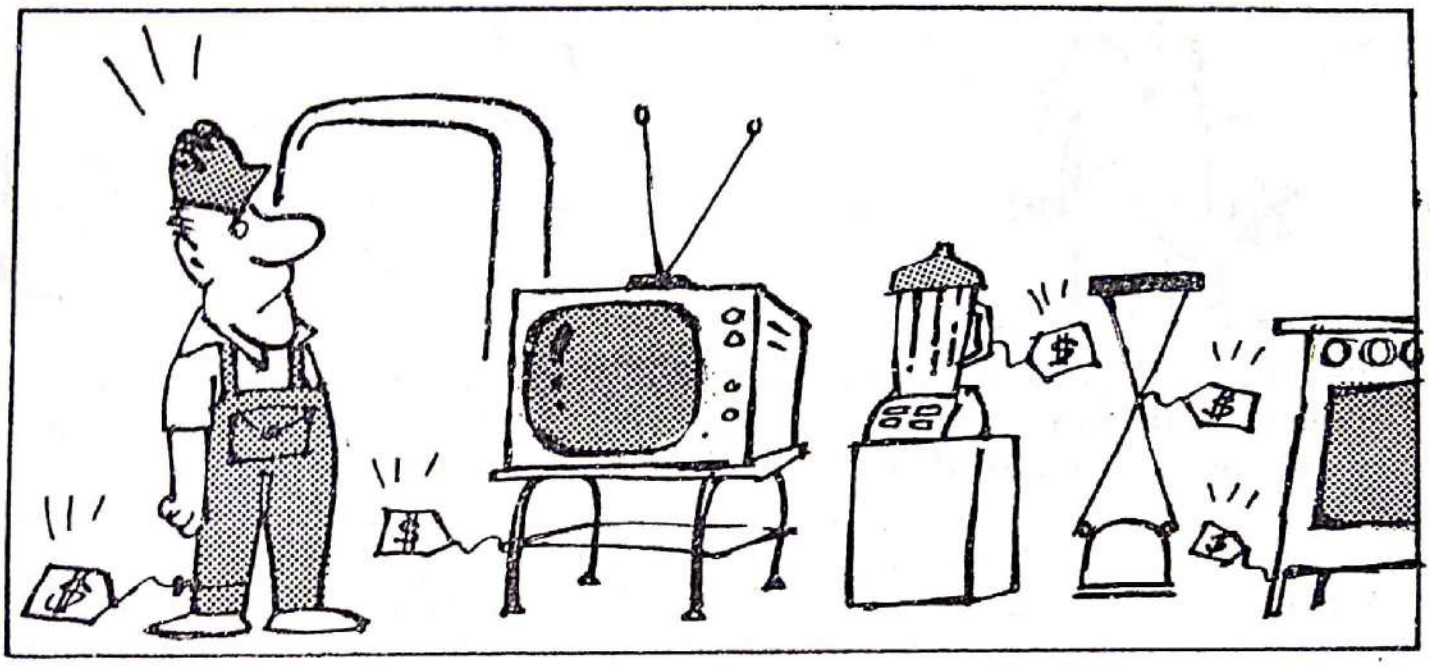
E se o operário se estabelecer por conta própria, numa pequena oficina e trabalhar sozinho?

Daí então ele monta essa oficina, que faz serviços para as fábricas. Ou então conserta automóveis que as fábricas vendem. Mas essas fábricas de quem ele depende, também contratam operários. Se todos os operários virassem donos de oficinas ou de botecos, sumiriam as fábricas que compram serviços das oficinas, que produzem automóveis para serem consertados, que pagam os operários que compram nos botecos. Isso quer dizer que também por esse caminho NÃO DESAPARECE A DIVISÃO DA SOCIEDADE EM CLASSES.

A sociedade em que vivemos, a sociedade capitalista, é uma sociedade dividida em classes. E se um indivíduo muda de classe, a divisão continua. para cada trabalhador que faça o milagre de virar empresário, terão que nascer e se formar centenas e milhares de operários. A classe dos operários só desaparece se desaparecer também a dos exploradores. Os capitalistas não podem destruir a classe trabalhadora, porque se não ficam sem lucro. Mas a classe trabalhadora não precisa dos capitalistas. Pelo contrário, ela viveria melhor sem eles.

Digitalizado com CamScanner

CAPITULO II - A SOCIEDADE DAS MERCADORIAS



Olhe bem tudo que está em volta de você. Nosso mundo é um imenso amontoado de mercadorias. Tudo é mercadoria, ou virou mercadoria. Tudo é produzido com o objetivo de ser vendido.

Os alimentos são comprados. As roupas também. Cada vez mais, as coisas deixam de ser produzidas para consumo próprio, em casa e viram mercadorias, comprada em lojas, armazém, mercados, feiras. Até mesmo a diversão e os prazeres que não eram mercadorias, como a "pelada" na rua, a roda de samba no boteco, passam a ser substituídas por mercadorias - a TV, o disco, o cinema. Até os homens e as mulheres passaram a ser mercadorias, como se estivessem numa vitrine para serem comprados pelos consumidores.

Mas qual a diferença entre produção para subsistência (consumo próprio) e a produção para mercado?

Nas comunidades primitivas de milhares de anos atrás, a coletividade, o conjunto da população de uma aldeia decidia o que produzir. Isso era feito ANTES da produção.

Na economia de mercado, a economia de hoje, o produtor já produz para vender. Mas, então, como é decidida a quantidade de cada coisa que vai ser produzida?

Exatamente pelo MERCADO,

Digitalizado com CamScanner

quer dizer, pela procura de cada mercadoria. Só que essa regulagem da quantidade acontece DEPOIS da coisa produzida. Quer dizer, momento da compra. Por isso, "dá zebra" de vez em quando: foi produzido mais do que se pode comprar. A quantidade e o tipo de coisa que vai ser produzida não é planejada pela população. É feita conforme a sede de lucro dos empresários. Porque a sociedade em que vivemos é baseada na propriedade privada (particular) dos meios de produção. A produção é controlada pelos donos desses meios de produção: os donos das fábricas, das fazendas, das minas, etc.

Mas, como é determinado o valor de uma mercadoria que vai ser comprada ou trocada?

Veja: uma firma faz sapatos e outra faz camisas. Como saber quantos sapatos valem uma camisa? Como comparar? Pelo peso? Pelo volume? Pelo cheiro? Não dá. O valor é medido pela dificuldade de fazer a mercadoria, quer dizer, pelo tempo de trabalho gasto na produção.

E isso nós percebemos sem saber, quando calculamos quantas horas extras são necessárias para comprar uma mercadoria qualquer...

Só que esse cálculo não é feito toda hora, pelas pessoas, para cada mercadoria. Também não quer dizer que um produtor que levasse mais tempo para fazer o sapato, esse sapato teria valor maior.

É o MERCADO que reconhece se o valor é esse ou não. Assim, o valor é o tempo de trabalho que, NA MÉDIA, se gasta para produzir a mercadoria. É o tempo de trabalho SOCIALMENTE necessário. O mercado impõe o valor: na hora de vender, o produtor sente

Digitalizado com CamScanner

o peso do mercado, julgando se o seu preço está, ou não, na média do tempo que a sociedade gastaria para fazer a mercadoria.

A "lei do valor" é uma lei da vida numa sociedade capitalista como a nossa. Na comunidade primitiva a população decidia como repartir os recursos e a mão de obra pelas atividades necessárias. Na economia de mercado, é a lei cega da concorrência que vai fazendo os recursos e a mão de obra andar de um rumo para outro. O mercado é o deus da nossa sociedade. E a compra e venda é a hora do juízo final.

Uma outra pergunta: para onde vai tudo isso que é produzido?

a) uma parte vai para a manutenção dos trabalhadores- é comprada pelos salários dos trabalhadores.

b) outra parte vai manter os não-trabalhadores - é comprada com uma parte dos lucros dos empresários.

c) outra parte vai manter ou ampliar a produção - é a parte do lucro que é reinvestida, recolocada na produção.

O tempo de trabalho EXCEDENTE é um tempo de trabalho não pago, que é produzido pelo trabalhador e usado pelos patrões. A proporção entre a

POEMINHA:

parcela que volta à classe trabalhadora pelos salários, e a parcela que é excedente mostra a TAXA DE EXPLORAÇÃO' do trabalho, taxa do valor a mais, taxa de MAIS-VALIA, como dizia Marx, o fundador do socialismo científico.

Mas o trabalhador então é um escravo? Dizemos que ele é um escravo assalariado da burguesia. De qualquer modo, ele não é um escravo à moda antiga.

O que o capitalista compra do trabalhador?

O operário não é vendido como um escravo. O operário' também não vende o seu trabalho para o capitalista. O capitalista não compra o sapato ou o parafuso que o operário produz. Hoje é até mais

Digitalizado com CamScanner

difícil pensar isso, porque quase nenhum operário faz um produto inteiro, para sair à venda. Há uma enorme divisão do trabalho, seja dentro da fábrica, seja entre várias fábricas, entre a fábrica e a agricultura, minas, etc. Cada ramo faz uma parte do produto. E na fábrica cada seção e cada operário faz parte do produto final.

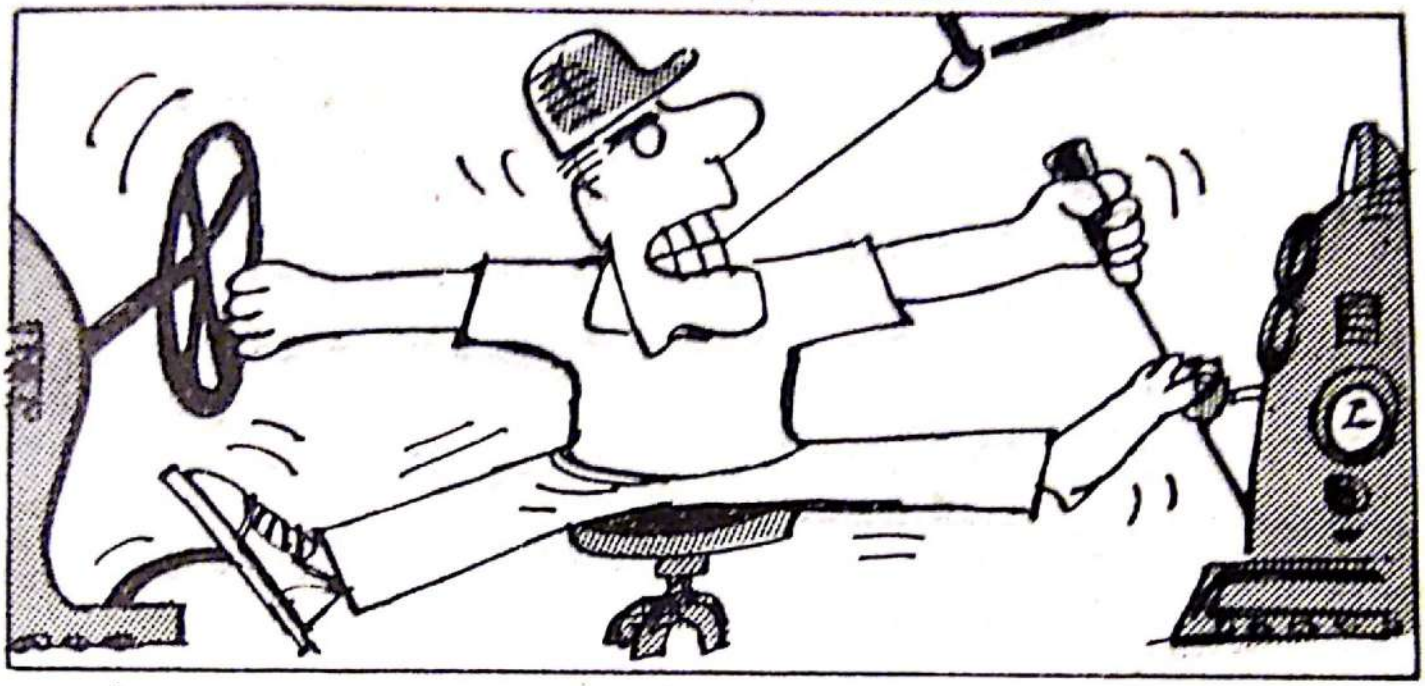
Então, o que o capitalista compra do operário não é o trabalho dele. Não é o produto do trabalho, o sapato e o parafuso, por exemplo, O CAPITALISTA COMPRA A CAPACIDADE DE TRABALHO DO OPERÁRIO, para usá-la durante um certo tempo. O capitalista paga um preço (o salário) e recebe em troca o direito de usar a força de trabalho do operário, durante o tempo combinado. O que ele produz nesse tempo é do patrão. E o jeito que ele vai trabalhar, o que ele vai produzir, também é decidido pelo patrão. Quando é contratado, o operário abre mão do produto do seu trabalho e abre mão da própria vontade. O que ele fizer é determinado pelo patrão. O que ele fizer é do patrão e não dele. Por isso a firma chama os peões de "seus operários"...

Acontece que o valor pago pelo capitalista para usar a capacidade de trabalho do operário (o salário) é sempre menor do que o valor que o operário produz nesse tempo de trabalho. E é justamente por isso que o capitalista compra a força de trabalho do operário. Senão, ele não comprava.

ESSE É O SEGREDO DO LUCRO, que é o nervo da nossa sociedade e a raiz das injustiças e absurdos que vemos: a classe capitalista paga pelo tempo de trabalho da classe operária uma quantia menor do que o trabalhador realmente produz. E é difícil perceber isso justamente porque o operário não produz um produto inteiro. Para perceber a exploração, o operário precisa perceber que faz parte duma CLASSE - o proletariado -que é explorada NO SEU CONJUNTO, por outra classe - a burguesia. Que a luta não é do indivíduo, mas é uma luta de classes.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO III - AS PARTICULARIDADES DA ECONOMIA E O AUMENTO DA EXPLORAÇÃO.



Já vimos anteriormente que a economia capitalista se caracteriza por:

* PRODUÇÃO DE MERCADORIAS, isto é, aquilo que se produz é para venda.

* PROPRIEDADE PRIVADA DOS MEIOS DE PRODUÇÃO - uma minoria da sociedade tem a propriedade particular das fábricas, terras, etc.

* CONCORRÊNCIA - competição entre os empresários ou os grupos econômicos que controlam os meios de produção. É a competição que elimina algumas empresas e enriquece outras.

* FINALIDADE: lucro dos empresários e não a satisfação das necessidades coletivas.

* RESULTADO DA PRODUÇÃO: ACUMULAÇÃO DE CAPITAL - Não só a economia capitalista produz mais-valia mas a transforma em dinheiro, pela venda de mercadorias. E depois, essa mais-valia é aplicada em ampliar os meios de produção, que serão usados para, futuramente, produzir uma mais-valia ainda maior.

Essa economia vai criando uma bola de neve da produção e disso surge uma contradi

Digitalizado com CamScanner

ção, um absurdo cada vez mais visível: o capitalismo é levado a desenvolver as forças produtivas, ampliar os recursos da humanidade. E ao mesmo tempo, deixa os trabalhadores sem condições de aproveitar esse desenvolvimento, ficando, no máximo, com as migalhas do banquete.

O aumento da exploração

E como os capitalistas procuram aumentar a exploração da classe trabalhadora? Baixando os salários? Nem sempre. Vamos ver os vários meios de aumentar os lucros dos capitalistas.

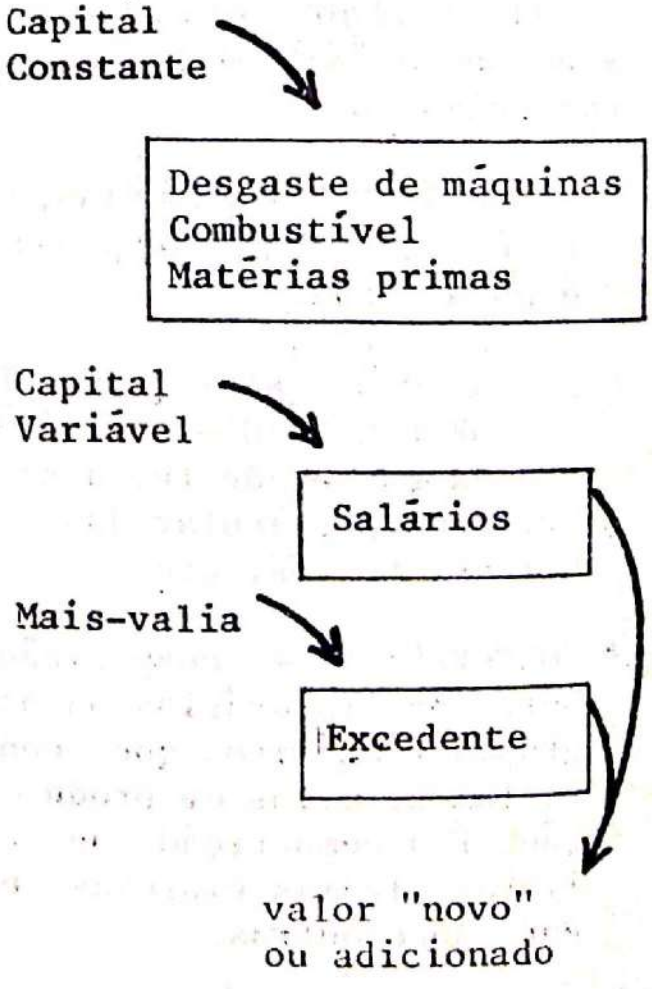
Como já vimos antes, no valor da produção final, há uma parte que é o valor antigo, das coisas que entram na produção (matérias primas, combustível, desgaste de máquinas, etc.). É o chamado capital constante. Por que constante? Porque o tanto que entrou acaba por sair. E o que foi gasto na produção é reposto no final.

Capital Constante
=
• Matéria prima
+
Combustível
+
desgaste de máquinas

Há uma outra parte que é um valor NOVO, valor criado na produção, pela força de trabalho. A força de trabalho é o chamado capital variável. Por que variável? Porque entra na produção e produz mais do que recebe no final. Faz variar, crescer o valor.

Capital Variável
=
Força de trabalho
(salários)

Por tudo isso, no valor final das mercadorias, há três partes:



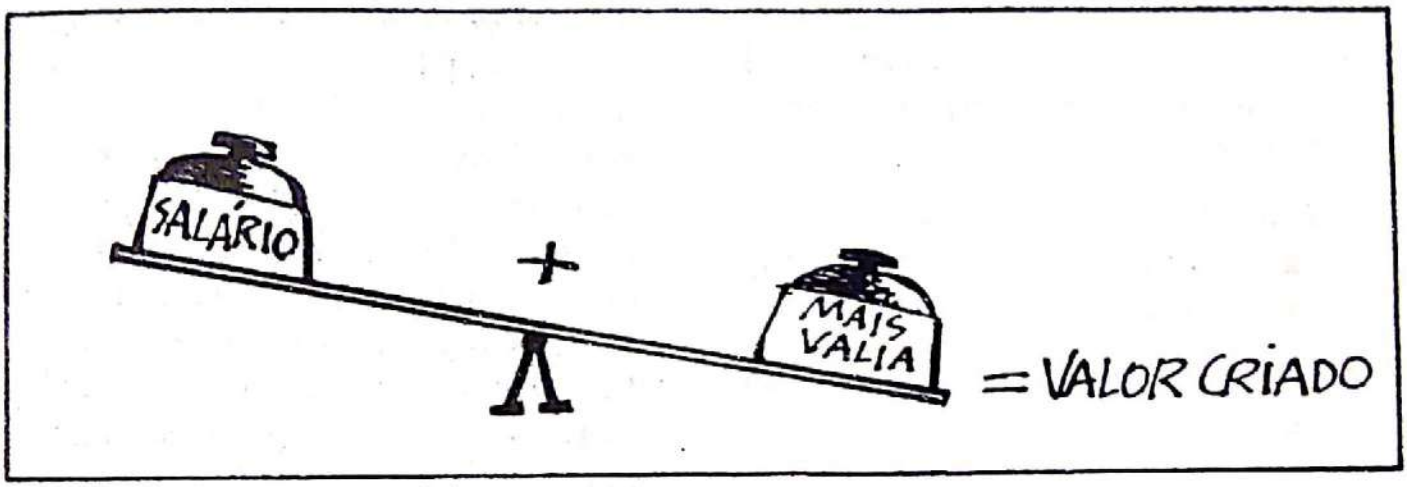
Digitalizado com CamScanner

Como se vê, na parte do valor novo (criado), há uma luta entre o que os operários abocanham (salários) e a parcela que vai ser apropriada pelos capitalistas (mais-valia).

pondente aos salários.

- 3 h (300 parafusos) de sobra - é o valor correspondente à mais-valia.

TOTAL: 8 h, 800 parafusos.



Agora podemos ver quais são os meios que os capitalistas procuram para reduzir a participação dos trabalhadores nesse bolo. São vários. Vamos pegar exemplos simplificados para entender melhor.

Aumento da jornada de trabalho.

Vamos imaginar que num dia de trabalho de 8 horas, os operários duma fábrica de parafusos produzem 800 parafusos. E que essas 8 horas de trabalho estão assim divididas:

- 2 h (200 parafusos) para repor o Capital Constante que foi gasto (matéria prima, desgaste de máquinas, combustível, energia, etc.)
- 3 horas (300 parafusos) para produzir o valor correspondente aos salários.
- 3 h (300 parafusos) de sobra - é o valor correspondente à mais-valia.

TOTAL: 8 h, 800 parafusos.

A primeira maneira de aumentar a mais-valia é PROLONGAR O DIA de trabalho. Vamos imaginar que o dia de trabalho vai para 10 horas, com o mesmo salário. As horas estariam assim divididas:

- 2 h (200 parafusos) para repor o Capital Constante
- 3 h (300 parafusos) para produzir o valor gasto dos salários
- 5 h (500 parafusos) de mais-valia.

TOTAL: 10 h, 1.000 parafusos

Aumentar o ritmo

A segunda forma de aumentar a mais-valia é AUMENTANDO A INTENSIDADE DO TRABALHO. Aumentar os rítmos das linhas de montagem, aumentar os rítmos das máquinas, etc. Quer

Digitalizado com CamScanner

dizer que mesmo nas 8 horas os operários produziriam mais mercadorias e mais valor que antes. Se numa fábrica se produzia 800 parafusos, aumentando o rítmo, vamos imaginar que produziria 1.000. A divisão ficaria assim:

- 1 h 36 min (200 parafusos) para repor o Capital Constante
- 2 h 24 min (300 parafusos) para produzir o valor dos salários
- 4 h (500 parafusos) de mais-valia

TOTAL: 8 h, 1.000 parafusos.

Nestes dois casos que vimos, se diz que houve aumento da MAIS-VALIA ABSOLUTA ou exploração absoluta do trabalho. Porque houve GASTO MAIOR DA ENERGIA DO TRABALHADOR EM TROCA DO MESMO PAGAMENTO.

Mas há outra maneira de aumentar a mais-valia, mantendo o mesmo gasto de energia do trabalhador, mantendo o valor do salário e ao mesmo tempo aumentando a produção. É a chamada MAIS-VALIA RELATIVA. Relativa porque melhora a parcela do patrão relativamente a do operário, mesmo que a parcela do operário continue a mesma em quantidade. Esse método é o da modernização da produção em seu conjunto. Principalmente a modernização dos ramos que produzam mercadorias de consumo dos trabalhadores. Baixando o tempo de trabalho necessário para produzir alimentos, vestuário, etc., os operários da fábrica de parafusos, com a produção de menos horas, comprarão a mesma quantidade de alimentos e vestuário que antes. O aumento da produtividade (maior produção por hora de trabalho) com o mesmo gasto de energia, pode assim conciliar a manutenção do nível de vida do trabalhador com o aumento da mais-valia. Há um empobrecimento da classe trabalhadora RELATIVO, comparado aos capitalistas, mesmo que não haja empobrecimento absoluto.

A taxa de lucro

Os capitalistas, quando investem, calculam a taxa de lucro que vão ter. A TAXA DE MAIS-VALIA é a proporção entre excedente e salário.

$$\text{Taxa de MAIS VALIA} = \frac{\text{Total excedente (mais-valia)}}{\text{total salários}}$$

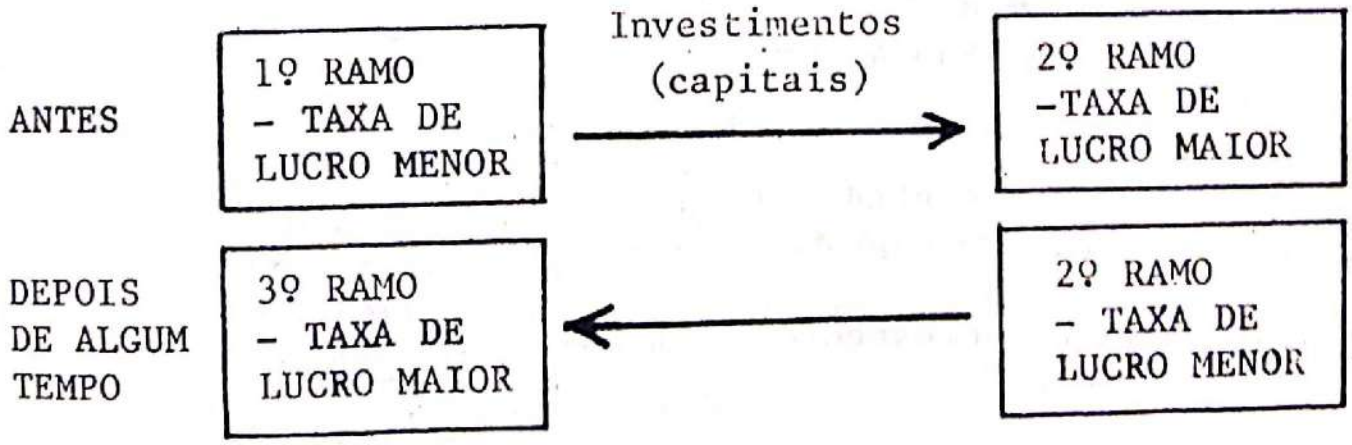
Digitalizado com CamScanner

$$\text{Taxa de LUCRO} = \frac{\text{Mais-valia}}{\text{Capital Constante} + \text{Capital Variável}}$$

A TAXA DE LUCRO é a proporção entre o excedente (mais-valia) que vai ser arrancado diante do INVESTIMENTO TOTAL em Capital Constante e Capital Variável. É quanto vai "render" o capital total investido pelo empresário.

A taxa média de lucro tende a se nivelar

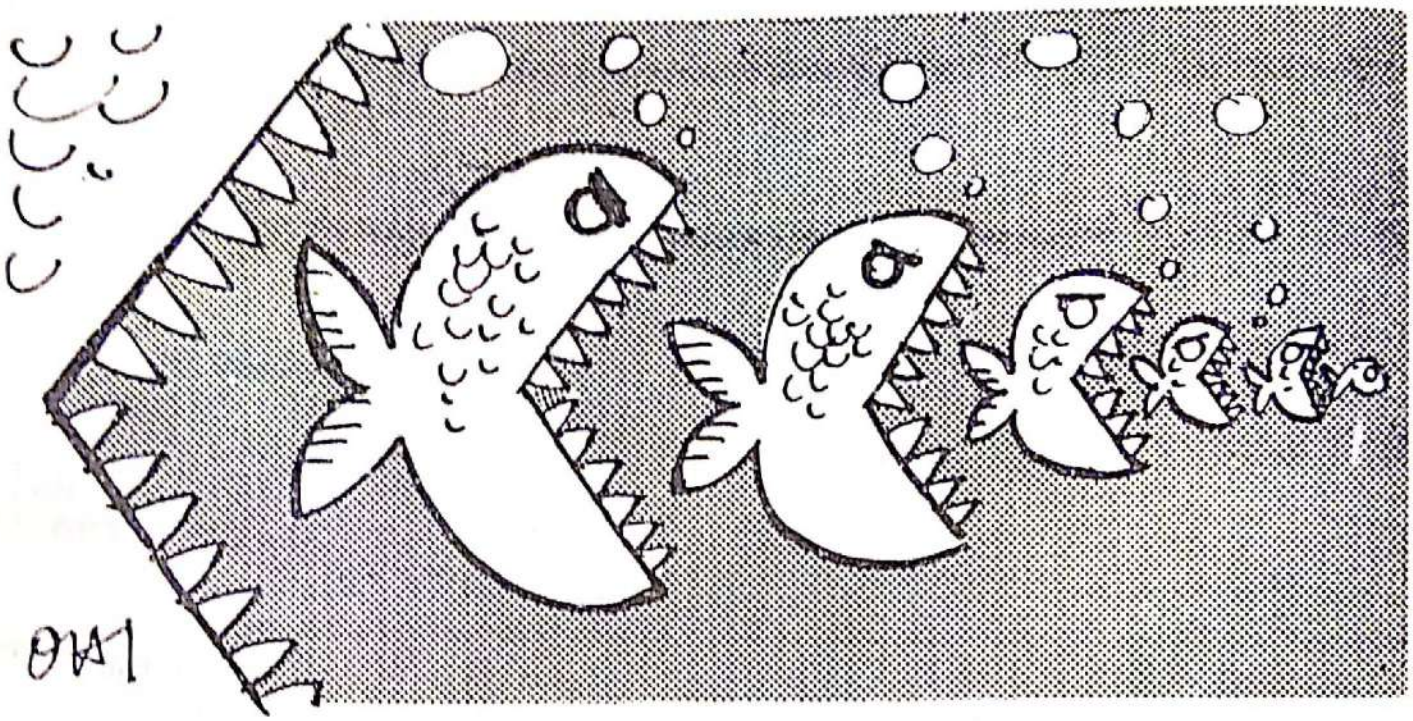
Se há setores da economia em que a taxa de lucro é maior, a tendência dos capitais é de se aplicar aí. Quando aumenta o número de produtores nesse ramo, a taxa de lucro começa a nivelar-se à média dos outros setores. Um setor então desponta. Os capitais vão para lá. Esse fluxo dos capitais mostra uma TENDÊNCIA DE TAXA DE LUCRO DE SE NIVELAR, não só entre várias empresas do mesmo ramo de produção, mas também entre ramos diferentes.



Há barreiras para esse movimento dos capitais. Não é fácil montar empresas num ramo do dia para a noite. Além disso, há barreiras das patentens e monopólios. Exemplo: às vezes, por lei, só uma empresa pode fabricar tal produto. Mas em geral, há uma tendência para a taxa de lucro se nivelar e os capitais se movimentarem, levando as máquinas, prédios e recursos além da mão-de-obra, para os ramos mais lucrativos do momento.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO IV - AS LEIS DE EVOLUÇÃO DO CAPITALISMO



O capitalismo tem algumas leis de evolução, isto é, leis que determinam a sua vida e seus problemas. São 4 principais:

a) concentração e centralização crescente dos capitais

b) proletarização crescente dos produtores

c) aumento da composição orgânica do capital (aumento da proporção do Capital Constante)

d) tendência da taxa de lucro médio cair.

Vamos ver a seguir o que quer dizer cada uma dessas ' leis:

a) A CONCENTRAÇÃO DE CAPITAL é o crescimento de capital por empresa. Um exemplo : o crescimento do capital das 200 maiores empresas' no Brasil entre os anos 1972/1976:

1972 - patrimônio entre 80 milhões e 10 bilhões

1976 - patrimônio entre 518 milhões e 41 bilhões.

A CENTRALIZAÇÃO DE CAPITAL é a redução de número de capitalistas, pela fusão e absorsão das empresas . Exemplos: A Volkswagen '

Digitalizado com CamScanner

comprou há alguns anos a DKV -VEMAG. A Ford comprou a Willys. A Chrysler comprou a Simca. A Antarctica e a Brahma compram dezenas de pequenas cervejarias em todo o país. Os bancos comerciais brasileiros, nos últimos anos, se fundiram num número bem menor.

b) A PROLETARIZAÇÃO DOS PRODUTORES é outro lado da moeda de concentração e centralização do capital. É a criação de um número cada vez maior de assalariados. Um outro exemplo: a transformação dos camponeses e colonos em trabalhadores diaristas, assalariados, como os milhões de bóias-frias do Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Zona da Mata (nordeste).

c) O AUMENTO DA COMPOSIÇÃO ORGÂNICA, quer dizer o aumento da proporção de capital constante em relação ao capital-variável. Uma indicação aproximada disso pode ser vista no crescimento do capital investido em terrenos, máquinas, instrumentos, instalações, comparado com o crescimento em capital variável, isto é, salários.

d) TENDÊNCIA À QUEDA DA TAXA DE LUCRO: a tendência que a taxa de lucro médio tem de CAIR é a lei mais complexa e de certa forma a mais importante para compreender algumas coisas que acontecem na economia capitalista.

Digitalizado com CamScanner

Como vimos, a taxa de lucro é a proporção entre a mais-valia e o capital total investido.

$$\text{TAXA DE LUCRO} = \frac{\text{Mais valia}}{c + v}$$

Vamos pegar essa fórmula matemática e manipulá-la de uma forma que ela nos mostre algo mais. Quando se divide o numerador (mais-valia) e o denominador (c + v) duma fração por um mesmo número (v), a fração fica equivalente, só muda de forma:

$$\frac{m/v}{c/v + v/v}$$

simplificando

$$\frac{m/v}{c/v + 1}$$

Agora podemos ver melhor uma coisa: o numerador é taxa de exploração do trabalho, a proporção mais-valia/salários. O valor do denominador depende da composição orgânica do capital.

Ora, há uma tendência da composição do capital (c / v) crescer, como vimos agora há pouco. Se o numerador não crescer, nesse caso a taxa de lucro diminuiria:

Quais são os meios que os capitalistas usam para contrabalançar essa queda de taxa de lucro?

A primeira é AUMENTAR A TAXA DE MAIS-VALIA, pelos métodos que vimos agora há pouco. A taxa de mais-valia (numerador) crescendo, contrabalança o crescimento da composição orgânica (denominador) e a proporção de lucro permanece.

Outra forma de manter a taxa de lucro é diminuir o valor do CAPITAL CONSTANTE. Seja fazendo o Estado investir em máquinas, instalações, barateando o seu preço, seja investindo em ramos ou países em que a composição orgânica é menor (menos c em proporção aos salários). Com isso, o denominador diminuiria (c/v + 1) e a proporção (taxa de lucro) permaneceria.

Essas leis são importantes porque nos ajudam a compreender as crises capitalistas, a intervenção do Estado, o imperialismo e o efeito das crises sobre a classe trabalhadora.

Digitalizado com CamScanner

CAPITULO V - AS CRISES DE SUPERPRODUÇÃO

As crises são interrupção da produção normal. Antes do capitalismo as crises eram da superprodução de coisas, pela incapacidade da economia, ou por desastres naturais (enchentes, grandes secas, etc) Eram crises de FALTA de produção suficiente.

As crises capitalistas são crises de SUPERPRODUÇÃO, causadas pela ANARQUIA DA PRODUÇÃO. Vamos ver isso de perto.

Vamos imaginar dois correntes produtores de sabonetes - Gessy e Palmolive - cada um produzindo 1.500 sabonetes, para um mercado total (capacidade de consumo da população) de 3.000 sabonetes. Como as fábricas, na sociedade capitalista, são propriedade privada, as decisões sobre a produção cabem a cada capitalista, ou cada grupo capitalista dono da empresa. Vamos imaginar que Gessy e Palmolive, os dois, procuram ampliar sua produção, para conquistar uma parcela maior de mercado: Ora, isso é o que procuram fazer todos os produtores, de todos os ramos, nas épocas de crescimento ou economia, como as do famoso "milagre brasileiro" (1968/1973). O resultado é a instalação duma capacidade de produção bem grande, em comparação com a capacidade de consumo (mercado).

Como os investimentos não

talizado com CamScanner

são planificados no conjunto da economia, mas só no interior de cada grupo ou empresa, num certo momento começam a faltar certos produtos muito usados por várias indústrias. Em 1975, por exemplo, começam a faltar aço, cimento, pneus, cabos e até certos tipos de força de trabalho (principalmente mão-de obra industrial e construção civil).

Com isso, aumenta o preço de custo das mercadorias, reforçando aquela TENDÊNCIA PARA BAIXO, da taxa média de lucro. Com a inflação, o mercado, que já era pequeno, fica menor ainda.

A crise se manifesta, aparece, assim: inflação, aumento de custos, juros mais altos e queda da taxa de lucro, estoques cheios, etc.

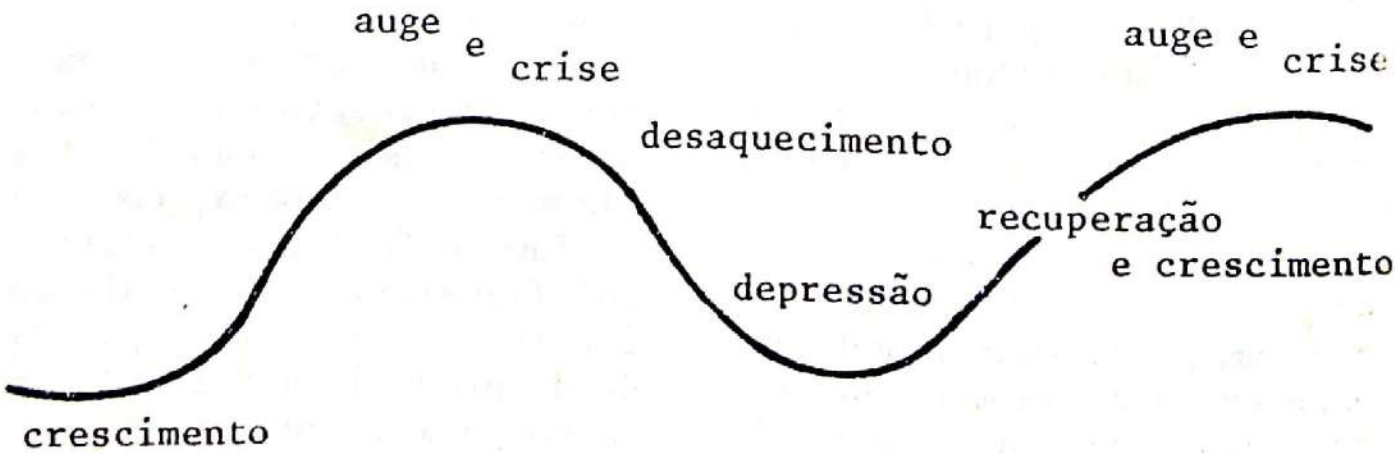
Os RESULTADOS da crise são:

a) O desaquecimento e estagnação de certos setores de produção (às vezes todos), o que leva a desvalorizar o capital constante e recuperar a taxa de lucro

b) desemprego e subempregos maiores

c) queda dos salários reais.

Esses dois últimos resultados (desemprego e queda dos salários) representam a desvalorização da mão-de-obra e portanto a RECUPERAÇÃO DA TAXA DE LUCRO. Essas crises de superprodução são CÍCLICAS, quer dizer, se repetem de tempos em tempos. Geralmente o tempo necessário para renovar e reaplicá-lo em setores lucrativos. O ciclo que se repete seria mais ou menos assim:



Digitalizado com CamScanner

As crises econômicas causam conflitos sociais, aumentando as contradições e as lutas entre as classes sociais. Mas uma crise econômica pode vir a ser resolvida pela burguesia às custas dos trabalhadores, se estes não resistirem. As crises econômicas se transformam em crises sociais e políticas quando:

a) as classes dominantes (industriais, fazendeiros, banqueiros) estão muito divididos, não conseguindo entrar em acordo sobre a melhor maneira de manter o Estado a seu serviço e engambelar os explorados

b) as classes dominadas - trabalhadores do campo e da cidade - não acreditam mais na força da classe dominante e não aceitam mais serem explorados e dominados

c) as classes dominadas se organizam - em sindicatos livres, ligas camponesas, comitês operários, partidos de trabalhadores, etc. - para responder à exploração unidos, conseguir vantagens e tentar construir uma outra sociedade, que elimine a exploração do homem pelo homem. Uma sociedade em que a propriedade privada (particular) e o capitalismo acabem e que a produção e a distribuição das riquezas sejam adquiridas pelos próprios trabalhadores.

[redacted]

Digitalizado com CamScanner

CADERNOS DE FORMAÇÃO Nº 1
13 DE MAIO - NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR
RUA DR. NETO DE ARAÚJO 212 - TEL. 5726759
VILA MARIANA - S. PAULO

Digitalizado com CamScanner